



SEÇÃO: ENSAIOS

Quando a ideologia é instrumento de dominação: o aprisionamento do sujeito em *O Prisioneiro*, de Erico Verissimo

When ideology is an instrument of domination: the imprisonment of the subject in Erico Verissimo's The Prisoner

Diego Bonatti¹

orcid.org/0000-0002-8775-6112
diego.bonatti@bol.com.br

Recebido em: 15 ago. 2019.

Aprovado em: 11 nov. 2019.

Publicado em: 10 ago. 2020.

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar a configuração das ideologias presentes no enredo da obra *O Prisioneiro*, de Erico Verissimo enquanto representação de um processo de aprisionamento e de dominação do protagonista, o Tenente. Ao narrar as vivências de um militar que lutava na Guerra do Vietnã, a obra evidencia o poder exercido por ideologias de cunho político, econômico e religioso sobre a personagem. O escritor, ao narrar o conflito ideológico do indivíduo frente à sociedade, representa a complexidade trazida pela vivências dos sujeitos diante dos eventos históricos que marcaram o final do século XX. Como bases teóricas, os escritos de Ricoeur (2015), Eagleton (1997), Althusser (1980), Assis (2011), Berthier (2008), Foucault (1999) e Sharpe (2000) deram base à discussão.

Palavras-chave: Ideologia. *O Prisioneiro*. Erico Verissimo.

Abstract: This paper aims to investigate the configuration of the ideologies present in the plot of Erico Verissimo's *The Prisoner* as the representation of a process of imprisonment and domination of the protagonist, the Lieutenant. In narrating the experiences of a soldier fighting in the Vietnam War, the book points out the power exercised by political, economic and religious ideologies over the character. The writer, in narrating the ideological conflict of a person facing society, represents the complexity brought by the lived experiences of the subjects in face of the historical events that marked the end of the twentieth century. As a theoretical foundation, issues of authors such as Ricoeur (2015), Eagleton (1997), Althusser (1980), Assis (2011), Berthier (2008), Foucault (1999) and Sharpe (2000) were used.

Keywords: Ideology. *The Prisoner*. Erico Verissimo.

Introdução

Publicado em 1967, em plena época de ditadura militar brasileira, *O Prisioneiro* constitui uma obra de denúncia aos horrores da Guerra do Vietnã e evidencia o papel social desempenhado pelo escritor Erico Verissimo enquanto intelectual. O escritor gaúcho sempre se colocou politicamente como apartidário, apesar de sua simpatia pelo socialismo. Conforme relatou em *Solo de Clarineta*, "[...] repelir qualquer tipo de totalitarismo, e não sentia a menor atração pelo stalinismo..." (VERISSIMO, 1976, p. 286), justamente pela supressão de direitos e uso da violência como forma de governo.

É porque se posiciona contra qualquer forma de violência, que Erico decide publicar uma obra que representa o embate ético e moral do ser humano frente à guerra e ao uso da tortura. Por isso, escreve



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

O *Prisioneiro*, narrativa na qual descreve as vivências de um tenente na Guerra do Vietnã, assim como os conflitos ideológicos enfrentados pelo protagonista. Na leitura da obra, percebe-se que o Tenente se encontra envolto por ideologias conflitantes, que exercem grande influência sobre ele, e acabam por dominá-lo. Assim, é sobre a trajetória de aprisionamento ideológico que se realizará esta investigação.

Conforme Eagleton (1997), para além de um conjunto de valores e pensamentos, a ideologia representa uma forma de poder, pela qual as classes hegemônicas exercem dominação sobre outras. Já para Ricoeur (2015), a ideologia possui uma relação direta com a práxis, isto é, as experiências vividas, à medida que revela os jogos de poder inerentes às ideologias enquanto sistemas de expressão de ideias. Althusser (1980), ao investigar a reprodução das relações de produção, identifica nos Aparelhos Ideológicos do Estado um instrumento de repressão ideológica, isto é, a disseminação e controle do Estado por meio de instituições sociais. A presença de ideologias opostas, ou ainda, a força de uma construção ideológica sobre um indivíduo pode se apresentar como uma prisão para ele, uma barreira intransponível que não o deixa nem se libertar das amarras ideológicas, nem tomar conhecimento de sua posição subjugada.

Apesar da grande qualidade literária, *O Prisioneiro* ainda apresenta escassas investigações acadêmicas. Dentre os trabalhos existentes, alguns se dedicam ao estudo de temas sociais como a guerra, e outros sobre o papel político do escritor. Nessa perspectiva, Assis (2011) realiza uma leitura atualizada de *O Prisioneiro* à medida que explora o caráter humanístico presente na obra e a intenção de Verissimo em ficcionalizar um conflito moral na narrativa: usar da tortura para salvar milhares de vidas, ou preservar uma vida em nome da ética? Conforme Assis (2011, p. 7), Erico, sendo “[...] um humanista convicto...”, não propõe uma solução para o dilema, mas sim explora justamente seu aspecto conflitante: a ética presente na máxima “[...] os fins justificam os meios” (2011, p. 7). Por fim, ao enfatizar o percurso literário por Verissimo enquanto escritor, Assis

(2011) ressalta os princípios humanísticos que guiaram a produção do escritor gaúcho, tais como “[...] o direito à vida e à liberdade” (2011, p. 9), aspectos usados na composição da obra literária.

Já Berthier (2008) destaca que *O Prisioneiro*, ao compor a terceira fase de produção de Erico Verissimo, em que temas sociopolíticos ganham destaque, constitui, sobretudo, uma obra de expressão humanista do escritor que, preocupado com uma temática social como a guerra, ficcionaliza-a na narrativa. Além disso, Berthier enfatiza os aspectos ideológicos representados na obra, tais como a dominação imperialista dos Estados Unidos no país asiático, assim como o embate entre capitalismo e comunismo. O aspecto político da obra, para o pesquisador, revela o posicionamento de Erico, que usa do realismo social para fazer denúncia e promover reflexão sobre temas polêmicos como a legitimidade das guerras e a prática da tortura.

Assim, este trabalho privilegiará a discussão sobre os conflitos ideológicos em *O Prisioneiro*, sendo que se inicia o diálogo com perspectivas teóricas, passando à descrição do percurso de aprisionamento do protagonista e o conflito ideológico.

Ideologia – discussões iniciais

Enquanto conceito teórico, a ideologia já foi descrita por diferentes pesquisadores. Um dos trabalhos mais conhecidos, *Ideologia* (1997), de Terry Eagleton, inicia-se introduzindo uma visão sobre o surgimento de novos movimentos ideológicos no século XX e que levaram à máxima de que a ideologia teve fim, tornou-se obsoleta. Tal perspectiva tem sua base no período após o fim da Segunda Guerra Mundial quando, em um movimento de oposição, a direita passou a declarar qualquer movimento contrário como ideológico.

Sobre essa afirmação do “fim da ideologia”, Eagleton questiona exatamente os binarismos, ou extremismos, de “[...] sua tendência a considerar a ideologia de duas maneiras bastante contraditórias, ou seja, como se ela fosse ao mesmo tempo cegamente irracional e excessivamente racionalista” (EAGLETON, 1997, p. 18). Nesse jogo de acusações, entre aqueles

que usam da ideologia para identificar aspectos ideológicos que os desagradam nas atitudes dos outros, e aqueles que buscam uma significação excessiva de tudo o que os rodeia, observa-se o surgimento de uma terceira margem, uma concepção dita "neutra" de ideologia.

Dentre as dezesseis possibilidades de significação apresentadas por Eagleton em relação à ideologia, uma das definições apontadas pelo autor como sendo neutras, isto é, que não apresentam valores positivos ou negativos na própria criação do conceito é a da ideologia enquanto "[...] um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social" (EAGLETON, 1997, p. 16). Assim, uma das considerações de Eagleton em relação à ideologia é a sua configuração como sendo uma verdade racional, um todo com sentido próprio, sendo que seu oposto seria a verdade empírica.

Da mesma forma, Paul Ricoeur, no texto "Aula introdutória" do livro *A ideologia e a utopia*, vai construir um significado da ideologia em diálogo com a utopia. Para o autor, a ideologia apresenta três diferentes funções, sendo a primeira a produção de uma imagem invertida, isto é, distorção do real:

[...] a ideologia designa inicialmente um processo de distorção ou de dissimulação pelo qual um indivíduo ou um grupo exprime sua situação, mas sem conhecê-la ou sem reconhecê-la. Uma ideologia pode, por exemplo, refletir a situação de classe de um indivíduo, sem que ele tenha consciência disso (RICOEUR, 2015, p. 15-16).

Após, o autor define a ideologia enquanto forma de legitimação do poder:

Cada sistema de dominação exige não somente a nossa submissão física, mas o nosso consentimento e a nossa cooperação. Cada sistema de dominação quer, a partir de então, que o seu poder não repouse unicamente na dominação; quer também que o seu poder esteja fundamentado porque a sua autoridade é legítima. O poder da ideologia é legítimo a autoridade (RICOEUR, 2015, p. 29).

E terceiro, enquanto meio para identificação, ou para preservar a identidade:

[...] Uma das funções da imaginação é, sem dúvida alguma, conservar as coisas por meio dos retratos e dos quadros. Guardamos a memória de nossos amigos e daqueles que amamos por meio de fotografias. O quadro perpetua a identidade, ao passo que a ficção diz outra coisa (RICOEUR, 2015, p. 362).

Ricoeur se refere aos jogos de poder e interesses inerentes à ideologia, e que guiam nossas ações, nossa identidade, a sociedade da qual fazemos parte, as leis, o governo... Por trás de tudo há traços ideológicos.

Também o filósofo francês, a partir dos estudos de outros filósofos como Mannheim, Marx e Feuerbach, define ideologia como a teoria das ideias, ou ainda como distorção, isto é, a produção de uma imagem invertida do real. Outra definição do termo é trazida pela filosofia hegeliana, que vê no idealismo a presença da ideologia, visto que a realidade precede o pensamento, e que tal pensamento, ou ideais sobre a realidade levam à formulação de uma ideologia.

O oposto de ideologia, conforme Marx, é a realidade, a práxis, a ação. Por conseguinte, em um segundo momento, ao analisar a sustentação do pensamento marxista enquanto teoria, Ricoeur explica que a ideologia não pode ser paralela à ciência, uma vez que o científico tem um caráter racional, pautado em conhecimentos, e a ideologia provém do que é pré-científico, da realidade social, o não real.

Adiante, o autor fala sobre a extensão progressiva do conceito de ideologia, isto é, o fato de que toda a teoria que questiona ou estuda uma ideologia já é por si só ideológica. Logo, Ricoeur (2015), em uma leitura de Geertz, afirma que toda a ideologia tem um interesse por trás de si, e que isso dá origem um sistema de pensamento. Enquanto originárias das práxis, da realidade, das ações, as ideias têm uma função simbólica, ou seja, fazem parte de nosso sistema cultural, com o qual legitimamos nossa existência ou a experiência da realidade social.

Também, ao trazer os escritos de Weber, Ricoeur aponta para a ideologia enquanto possibilidade de legitimar a autoridade. Isso é possível porque a ideologia cria um sistema de dominação,

semelhante ao que é praticado pelo Estado, que exerce um poder sobre os cidadãos, o qual é aceito porque os indivíduos o consideram autêntico.

Nessa perspectiva, também Eagleton afirma a função da ideologia em “[...] fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de *poder*.” (EAGLETON, 1997, p. 18, grifo do autor). Sobre a ideologia enquanto uma representação de poder ao qual as pessoas são submetidas, o teórico aponta seis estratégias usadas para ofuscar os efeitos da dominação:

Um poder dominante pode legitimar-se *promovendo* crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* ideias que possam desafiar-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo. Tal “mistificação”, como é comumente conhecida, com frequência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais. Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexas (EAGLETON, 1997, p. 19, grifo do autor).

As estratégias de dissimulação para o estabelecimento da ideologia revelam não só uma forma de expressão de poder, como seu uso por forças ocultas para a dominação do sujeito. A consequência de tal “máscara”, é que muitos indivíduos se encontram, sem saber, dominados por ideologias que não questionam, e continuam, assim, em uma posição subalterna. Essa perspectiva se assemelha a uma prisão, mas na qual os prisioneiros não enxergam os muros ou correntes que os prendem, nem reclamam por liberdade.

O poder produzido pela força de uma imposição ideológica, ou ainda, a existência de ideologias com princípios conflitantes, pode fortalecer a ideia da ideologia enquanto prisão. O sujeito, conflitado e dividido entre ideologias divergentes, pode sentir-se aprisionado, tal o

controle ideológico de seu corpo e sua mente. Sobre a representação do aprisionamento do sujeito na obra *O Prisioneiro* e seu conflito causado por oposições ideológicas é o que se trata a seguir, tendo como base a perspectiva teórica de Eagleton (1997) da ideologia enquanto uma forma, muitas vezes, velada de exercer poder sobre o outro, e de Ricoeur (2015), da ideologia como um sistema de legitimação de poder.

O encarceramento do sujeito em *O Prisioneiro*

A narrativa do escritor gaúcho Erico Verissimo apresenta um percurso em que se percebe o encarceramento dos personagens, principalmente do protagonista, o Tenente. Cada qual, a sua maneira, vive não dentro de um círculo de giz, mas sim entre pesadas construções ideológicas.

Um dos primeiros aprisionamentos ideológicos presentes na obra é o fato de que o Tenente, assim como os demais personagens, não apresenta nome, mas sim ocupações, funções no mundo diegético. Assim, temos a Professora, o Médico, o Sargento..., todos eles tendo, de alguma forma, sua identidade corrompida ou reduzida. Por conseguinte, a ideologia, aqui, representa uma forma de apagá-los da individualidade, de seus nomes, daquilo que os torna únicos, e impor a eles a posição de corpo coletivo e dominado pelo poder militar. Esses indivíduos sem nome podem, também, representar as milhares de vozes desconhecidas da guerra, que caladas, silenciadas, ou mortas, se tornam apenas mais um indivíduo comum que teve sua vida afetada pelo conflito.

Adiante, a dominação ideológica, agora racista, se manifesta quando o protagonista demonstra ter problemas com suas origens étnicas. Filho de um homem negro com mulher branca, que quebra paradigmas ao casar com um negro no contexto de luta pelos direitos civis nos Estados Unidos², o Tenente cresce em conflito entre pertencer a dois mundos de referências culturais diferentes e, naquele caso, quase que opostas. O choque da perseguição racista pode ser identificado em:

² Apesar de Erico não mencionar os Estados Unidos, nem o nome da Guerra do Vietnã, sequer a luta pelos direitos civis no país norte-americano, a leitura da obra possibilita a ligação de *O Prisioneiro* com tais contextos (e também a não ligação) pela referência a movimentos extremistas como Ku Klux Klan, a descrição do ambiente, diferenças linguísticas e culturais etc.

[...] e de súbito era menino e espiava, por uma fresta de janela, o jardim de sua casa, onde ardia sobre a relva uma grande cruz de fogo. Vultos brancos com altos capuzes cônicos moviam-se como espectros por entre as árvores. Seu coração batia descompassado. Tinha ouvido falar naquela sociedade secreta que perseguia os homens de cor. [...] Sabia de outros casos ainda mais terríveis: linchamentos, torturas, enforcamentos... *A cruz de fogo no jardim...* (VERISSIMO, 1978, p. 52 grifo do autor).

A memória de infância marcada pelo medo causado pelas ações de grupos de extrema-direita como a Ku Klux Klan é apenas um dos efeitos da ideologia racista. A violência, porém, não se reduz apenas ao caráter simbólico na obra, mas assume aspectos físicos quando pai e filho são atacados na rua por um grupo radical:

[...] Ouviu-se uma voz: "Agarra o negro!" Ele fez meia volta e se deitou a correr em pânico deixando o pai para trás. [...] Fez alto à primeira esquina, voltou a cabeça e verificou, aliviado, que ninguém o seguia. Mas avistou os três desconhecidos esbordoando e espezinhando seu pai que, caído no chão, encolhia-se e protegia a cabeça com as mãos... (VERISSIMO, 1978, p. 56).

A fuga e a omissão do filho para com o pai fazem com que esse se sinta humilhado e encontre um único caminho para remir sua dor: o suicídio por enforcamento. Apesar do abalo causado pela morte do pai, o Tenente, logo após o funeral, reflete sobre a sua vida e a de sua mãe: "[...] *Agora que 'ele' estava morto, nós dois poderemos viver como brancos. Nós somos brancos!*" (VERISSIMO, 1978, p. 60, grifo do autor). O negacionismo quanto à sua descendência é fato que aprisiona o Tenente, faz com que ele fuja de sua história, e revele a violência da ideologia racista – o apagamento e o desenraizamento de sua identidade.

Nesse ponto da narrativa fica evidente a característica da ideologia, conforme afirmou Ricoeur (2015), na qualidade de um sistema de legitimação de poder. No contexto da obra, aos cidadãos negros era imposta uma posição subalterna com base em princípios históricos socialmente perpetuados a partir de visões de mundo racistas e pautadas na dominação do

sujeito negro inferiorizado, passível de violência e morte. A criação e fortalecimentos de tais práticas era ancorada e propagada segundo ideologias supremacistas e que visavam não apenas o domínio do corpo negro, mas sobretudo a justificativa da violência contra ele desferida, caracterizando, portanto, a afirmação da autoridade dos brancos sobre os negros. Enquanto um sistema autorregulável, as práticas da Ku Klux Klan eram legitimadas porque estavam fundamentadas em uma autoridade conquistada pela violência, e acima disso, em fundamentos ideológicos próprios.

No decorrer da narração, observa-se, também, que o Tenente passa por um conflito moral, haja vista que, vivendo em um país estrangeiro, passa a se relacionar com a prostituta K., mesmo tendo esposa e filho no país americano. O antagonismo entre ser fiel à esposa, e amar K. é percebido na passagem em que regressa ao hotel onde morava com presentes para a família, e um anel de presente para K.: "[...] o pequeno estojo que trazia num dos bolsos do blusão, com o anel, pesava-lhe na consciência como um remorso. Era inútil tentar iludir-se. Ele *amava* K. e isso lhe dava uma certa vergonha" (VERISSIMO, 1978, p. 48). Manter o casamento pelas aparências é uma imposição à qual o Tenente se submete. Quando reprime seus sentimentos em nome de uma ideologia religiosa, ele aceita o enclausuramento, e passa a viver de "aparências".

Nesta ida às compras, o Tenente havia presenciado um ato de extrema violência – uma estudante vietnamita ateara fogo ao próprio corpo: "[...] A estudante havia já riscado um fósforo e de seu corpo brotou uma labareda, acompanhada duma explosão opaca, e ela começou a arder como uma boneca de pano" (VERISSIMO, 1978, p. 49). Tal cena perturba-o pela semelhança da suicida com K., pelas memórias do fogo de sua infância, e pela violência da morte. Por trás do suicídio em público, questiona-se o aspecto ideológico: seria uma forma de protesto à dominação norte-americana no país asiático? Um desacordo à implantação forçada do capitalismo em oposição ao comunismo lá vigente?

No entanto, é em um jantar com a Professora,

uma mulher culta que desenvolvia um trabalho de proteção a crianças, que a crítica à guerra e o embate ideológico entre comunismo e capitalismo acontece de forma mais explícita. A mestra não só confronta o Tenente quanto à legitimidade do conflito armado no Vietnã, como pressiona-o sobre o uso de *napalm* como arma, e em relação aos reais interesses por trás da presença americana no país asiático:

[...] De acordo com a teologia política de seu governo, tenente, este país asiático corria e corre o perigo mortal de sucumbir ao Diabo Vermelho. E aqui estão vocês como modernos samaritanos armados nos engenhos mais terríveis de destruição... (VERISSIMO, 1978, p. 67).

Não obstante, a Professora assume uma posição imparcial, e admite o totalitarismo existente no comunismo, mas observa que, com o pretexto de combater os comunistas, os norte-americanos: "[...] acabaram por imitar-lhes a linguagem, o método de ação e até a moralidade..." (VERISSIMO, 1978, p. 69).

Em dado momento do jantar, a Professora reafirma, mais uma vez, sua imparcialidade perante o conflito: "Nem os países capitalistas nem os comunistas estão *fundamentalmente* interessados na paz. O que buscam mesmo é a própria hegemonia militar nesse perigoso jogo pelo domínio mundial" (VERISSIMO, 1978, p. 76, grifo do autor). Como se não bastassem todas as justificativas frustradas para a existência da guerra, o Tenente recebe a mais desconfortante das perguntas: "[...] Por que é que veio para cá, se não é um militar profissional?" (VERISSIMO, 1978, p. 86), ao que ele responde resignadamente: "Porque sou um covarde. [...] eu fugi da outra guerra" (VERISSIMO, 1978, p. 87). O conflito, agora, regressa ao fato de ser negro: "O ponto crucial de meu problema é que *eu não quero ser negro*. Não me sinto negro [...] não estimo a minha gente. [...] Envergonho-me do sangue que me corre nas veias" (VERISSIMO, 1978, p. 87-88, grifo do autor).

Após o jantar, já tarde da noite, o Tenente vai ao encontro de K. Juntos, têm seu último encontro amoroso antes de o Tenente regressar ao seu país. Ele lhe entrega o anel que havia comprado,

e conta a ela de sua partida. Logo após deixar o hotel onde se encontraram, "[...] uma explosão brutal como que rasgou a noite de cima a baixo, precedida de um relâmpago" (VERISSIMO, 1978, p. 126). Um ataque à bomba havia explodido a construção, matando diversas pessoas, inclusive K. A perda da amada desestabiliza o Tenente, faz com que ele entre em estado de choque e passe a perambular por meio de destroços do prédio, e corpos, queimados, despedaçados, e alguns poucos vivos. Neste percurso, o Tenente se detém a um corpo: "Reconheceu pela fisionomia de K. [...] Depois pegou-lhe a mão e viu nela o anel turquesa. Soluços secos começaram a sacudir-lhe o corpo" (VERISSIMO, 1978, p. 128). Notando a comoção do homem, um oficial pergunta-lhe:

– Conhece a moça?

Ele hesitou um instante:

– N...não.

– Tem certeza? [...]

– Não conheço... (VERISSIMO, 1978, p. 128-129).

Contraditoriamente, todo o afeto que o Tenente dizia ter por K. jamais seria mais forte do que a aparência que ele insistia em fingir para os outros e para si mesmo. Apesar de lamentar o destino da prostituta, ele segue seu caminho de volta ao hotel, e à sua vida. Contudo, é abordado no caminho por um carro militar que o leva direto ao gabinete do Coronel. Lá, diante do mais alto comando, ele é informado de que uma dupla de terroristas entrou em confronto com as forças americanas, sendo que um deles foi morto, e o outro capturado, e que eles haviam colocado uma bomba-relógio em algum lugar da cidade. O Tenente, então, recebe uma missão: "Dentro de poucos minutos o prisioneiro estará à sua disposição num cubículo do subsolo deste edifício [...] Confio-lhe a tarefa de interrogá-lo e descobrir onde está a segunda bomba" (VERISSIMO, 1978, p. 135). O Tenente recebe um prazo de três horas para fazer o prisioneiro falar a qualquer custo, e assim salvar outras tantas vidas.

Ao chegar na cela, se deparou com o prisioneiro, que era "[...] tão pequeno e frágil, que o Tenente

teve a desconcertante impressão de estar diante de dum menino de quinze anos" (VERISSIMO, 1978, p. 144). De início, o Tenente, com a ajuda de um intérprete, faz uma série de perguntas sobre a localização da bomba, mas não obtém nenhuma resposta relevante. O tempo passa e se aproxima cada vez mais do momento da explosão, por isso, o Tenente cede à pressão, e autoriza o uso de pentatol sódico – o "soro da verdade" para tentar colher informações. A tentativa é fracassada e só são obtidos dados desconexos e sem sentido. Encurralado pelo tempo, e pela responsabilidade de salvar muitas vidas, o Tenente, em um ato desesperado, grita: "Está bem! empregue... o seu método!" (VERISSIMO, 1978, p. 164). "Se necessário, pode usar da violência para arrancar do prisioneiro a confissão que vai salvar da morte pessoas inocentes..." (VERISSIMO, 1978, p. 165), e aplica a sentença final: "Se for necessário, pode torturar o prisioneiro! Sob a minha inteira responsabilidade!" (VERISSIMO, 1978, p. 165).

Em seguida, o sargento usa da violência para fazer o prisioneiro falar. Após se retirar da sala para não presenciar a cena, o Tenente escuta um urro de dor, algum tempo depois, chega um oficial trazendo a notícia de que a bomba havia sido encontrada pela confissão da irmã do prisioneiro. A tortura e a morte do prisioneiro, então, haviam sido em vão, uma vez que ele morreu sem revelar o paradeiro do explosivo. Depois de atestar a morte do prisioneiro, o Médico da corporação identifica o uso de tortura: "Vejo sinais de tortura neste corpo [...] No atestado de óbito direi a verdade" (VERISSIMO, 1978, p. 167).

A hierarquia, a pressão e a responsabilidade por milhares de outras vidas levam o Tenente a tomar medidas drásticas, violentas e inconsequentes. Quando analisadas superficialmente, essas atitudes apontam a necessidade de busca por respostas a qualquer custo a partir de ações violentas e a desconsideração de aspectos éticos e morais. Entretanto, se examinadas a fundo, as ações do Tenente vão de encontro à função da ideologia para a execução de poder sobre o outro (Eagleton, 1997), assim como usa de estratégias para se camuflar e alienar aqueles a

quem se apresenta. Por isso, em um contexto de guerra e de tentativa de dominação de territórios, riquezas e pessoas, a ideologia apoiada em ideais bélicos está "camuflada" nas ações do Tenente quando: legitima a violência contra o prisioneiro em nome da guerra e do bem-estar de outras pessoas; a justificativa da inevitabilidade da tortura para a obtenção de informações; a desconsideração de aspectos morais, éticos e de tratados internacionais de guerra quanto à aplicação da tortura; rejeição e medo das consequências advindas da falha na tomada de decisões enquanto militar; a interpretação da realidade do país asiático de forma parcial, de modo a justificar a guerra e se isentar da culpa. Tais posicionamentos caracterizam, portanto, as seis estratégias de disfarce da ideologia que sustentam a guerra e as ações do Tenente.

Depois, alterado, e se sentindo culpado pela morte do prisioneiro, o Tenente vai à procura da Professora, pois "[...] Precisava abrir-se com alguém, repartir com outra criatura de Deus o peso que lhe oprimia o coração" (VERISSIMO, 1978, p. 170). No caminho, entretanto, se depara com uma igreja, na qual busca apoio. Nesse momento será evidenciado outro conflito ideológico do protagonista, agora de cunho religioso. Frente a frente com o padre, o Tenente revela: "Quero me confessar" (VERISSIMO, 1978, p. 171). Ele conta tudo o que se passou com o prisioneiro, e como se sentia arrependido, estava ali em busca do perdão: "Cometi um pecado mortal?" (VERISSIMO, 1978, p. 175). O padre explica a ele sobre os desígnios de Deus e a proteção à vida, sendo assim, "[...] você meu filho, desrespeitou a dignidade daquela criatura do Senhor... permitindo que ela fosse torturada, vilipendiada... tratada como um objeto sem alma. Ferindo o prisioneiro, você feriu também Deus!" (VERISSIMO, 1978, p. 175), ao que o Tenente revida: "Não preciso do seu perdão. Nem da sua Igreja. Nem do seu Deus" (VERISSIMO, 1978, p. 176).

A contradição religiosa do Tenente não se evidencia só pela rejeição e afirmação de sua superioridade perante o padre e a Deus, mas também no fato de que ele, sendo um evangélico

batista, busca perdão por intermédio de um padre católico apostólico romano. Inconformado pela desaprovação do padre, ele retorna ao caminho para a casa da Professora em busca de apoio para suas atitudes. Depois de relatar tudo o que havia acontecido, o Tenente encontra, mais uma vez, uma posição neutra da amiga, que nem o repreende, nem o inocenta de suas ações, apenas lembra-o de sua impotência perante a situação, e estimula-o a lutar, a defender-se da acusação de tortura.

De volta ao hotel, o Tenente se encontra com o capitão-médico. Entre os dois se estabelece um diálogo truncado: "Espero que não tenha vindo aqui para me pedir que não revele no meu relatório que o prisioneiro foi torturado" (VERISSIMO, 1978, p. 189), mas o Tenente realmente intentava era: "O que eu quero mesmo lhe dizer... é que não sou nenhum assassino" (VERISSIMO, 1978, p. 189). O médico critica o Tenente pela decisão tomada, e revela sua decisão pela proteção da vida humana: quando criança, o médico havia sido levado para um campo de concentração na Alemanha. Teve sorte de ser libertado, então formou-se em Medicina – "[...] escolhi uma profissão que é a negação do assassinio" (VERISSIMO, 1978, p. 195). O diálogo entre os dois é interrompido por um telefonema: "Aviões de nossa Marinha despejaram por engano bombas de *napalm* numa aldeia amiga onde estavam acampados soldados nossos..." (VERISSIMO, 1978, p. 198). O médico é chamado ao socorro, e o Tenente o acompanha.

Ao chegar no hospital, o Tenente entra em choque: "[...] encostou-se na parede, atordoado, a visão embaralhada, e ali ficou, enquanto passavam por ele outras macas com pedaços de carne queimada, alguns dos quais ainda gemiam" (VERISSIMO, 1978, p. 200). Perturbado, ele começa a vagar pelas ruas, quando se depara com uma patrulha da Polícia Militar: "Por obséquio – pediu – os seus papéis de identificação!" (VERISSIMO, 1978, p. 201), mas tudo o que ele ouviu foi "Agarra o negro! Agarra o negro! Agarra o negro!" (VERISSIMO, 1978, p. 201). Então, tomado de uma fúria, ele tomou o fuzil das mãos do agente e gritou: "Foge, papai, foge!" (VERISSIMO, 1978, p. 201), mas é instantaneamente atravessado por uma rajada de fuzil.

Por conseguinte, percebemos que a narração da obra privilegia a representação de um protagonista que se encontra encurralado por diferentes formas de poder impostas por diferentes ideologias. Neste contexto, o Tenente evidencia uma trajetória marcada pelo conflito de ideologias, que acabam por agredi-lo e perturbá-lo, fazendo com que experimente um processo de aprisionamento.

A prisão ideológica em *O Prisioneiro*

A prisão constitui uma forma de supressão de liberdade, em que o prisioneiro, sob influência de um poder superior, encontra-se em uma posição de dominado. Michel Foucault (1999), em *Vigiar e punir*, realiza um resgate histórico de como as prisões e as formas de punição têm se configurado ao longo da humanidade. Após escrever sobre como a punição, inicialmente, se caracterizava como um espetáculo de exibição do poder soberano do rei, o filósofo francês adentra nas mudanças ocorridas na sociedade, e de como os cidadãos passaram a se compadecer dos apenados, que eram torturados em espetáculos de horror, e a clamar por mudanças.

Tal perspectiva, de punição-espetáculo, começa a ser alterada a partir do século XVIII, quando o suplício, ou uso da tortura, já não eram mais tolerados. A partir desse momento, o castigo passa a ser institucionalizado, organizado e medido por penas, as quais deveriam ser aplicadas por um poder superior, ao qual todos eram submetidos, em consonância com o tipo de crime e de gravidade. Nessa perspectiva, o encarceramento, somado ao fator tempo, passa a ser adotado como a forma mais empregada para a punição. Subordinado ao poder do Estado, o criminoso passa a ocupar a posição de prisioneiro, tendo seu corpo e liberdade dominados, e transpassados pelos valores e ideologias de um território, que aprisionam aquele que transgredir determinados valores sociais.

Por conseguinte, a prisão existente em *O Prisioneiro* não se configura como uma prisão física, ou uma forma de punição do sujeito que comete crimes, mas sim uma espécie de enclausuramento, ao qual o Tenente é submetido sem que perceba ou consiga se libertar. A prisão,

nesse caso, vem à tona por meio das ideologias, que visam exercer poder sobre o sujeito ao mesmo tempo que dissimulam o efeito de suas ações sobre ele, e que se apresentam como amarras sociais das quais o protagonista não consegue fugir. Tanto seu corpo quanto a sua mente, estão aprisionados ideologicamente, em uma prisão construída e controlada por diversos atores sociais.

Nos jogos de interesses existentes na sociedade, e com a aquisição de poderes das mais variadas formas, desde o econômico, até o derivado do uso da violência, pelos diversos segmentos sociais, é possível afirmar que não só o Estado tem a autoridade para limitar a liberdade dos sujeitos. O poder de uma classe ou de um grupo dominante em relação a um grupo considerado inferior, minorizado, é operado por meio da imposição de ideologias. Louis Althusser (1980), em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, realiza uma investigação acerca das condições de produção e reprodução e das relações do humano com a sociedade capitalista. Para o filósofo francês, toda formação social apresenta relações de produção em sua própria constituição. A reprodução das relações de produção faz com que ocorra a submissão à ideologia dominante, ao poder do Estado, por exemplo.

Por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam «saberes práticos» mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da «prática» desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos «profissionais da ideologia» (Marx) devem estar de uma maneira ou de outra «penetrados» desta ideologia, para desempenharem «conscientosamente» a sua tarefa - quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus «funcionários»), etc(ALTHUSSER, 1980, p. 22).

Ao introduzir a concepção do Estado como um aparato de poder e de dominação das classes superiores sobre o proletariado, Althusser (1980) identifica algumas instituições que se apresentam como Aparelhos Ideológicos do Estado, são eles:

- o AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas),
- o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
- o AIE familiar,
- o AIE jurídico,
- o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos),
- o AIE sindical,
- o AIE da informação (Imprensa, rádio-televisão, etc.),
- o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.).(ALTHUSSER, 1980, p. 44).

O autor lembra que esses aparelhos ideológicos não desempenham o papel de repressão física, mas sim de reprodutores dos valores, ideologias e do próprio poder exercido pelo Estado enquanto agente de dominação e de controle sobre o povo. Assim sendo, as instituições sociais apresentam-se enquanto campos de reprodução ideológica e que acabam por exercer grande influência sobre o sujeito. À vista disso, o Tenente, enquanto sujeito que vive em sociedade, é atingido pelos valores ideológicos de instituições como a família, a igreja, a política e o próprio Estado, que agem sobre o protagonista dominando-o, fazendo com que passe a conflitar entre posições ideológicas opostas.

Um dos primeiros conflitos do protagonista é com relação a sua descendência negra. O fato de negar sua ancestralidade, e a opção pelo posicionamento racista em relação ao próprio pai é evidência da força que o pensamento de grupos superraciais como a KuKluxKlan têm sobre o menino. De acordo com Sharpe (2000), o fundamentalismo cristão, nos Estados Unidos, é responsável por milhares de atos de violência contra minorias, gays, judeus e, principalmente, negros. Em uma leitura extremista da Bíblia, grupos fundamentalistas passam a identificar a "raça ariana" como o verdadeiro povo escolhido por Deus. Qualquer sujeito ou povo fora dessas características - branco, de olhos azuis, e hétero - é, portanto, fonte do mal, e será destruído na volta de Cristo à Terra. A KuKluxKlan, nesse contexto, enquanto expressão de um movimento protestante de intolerância às minorias, por força da violência,

faz com que o protagonista, mesmo sendo negro, adote a ideologia racista, e renegue sua etnia.

Por outro lado, a religião também se apresenta como fator de grande conflito para o personagem quando ele transgride um dos princípios primordiais do cristianismo, que é a monogamia. Ao manter relações sexuais com a prostituta K., o Tenente quebra o nono mandamento, e passa a viver uma vida de aparências, em que a moral age com grande influência para que ele não assuma o relacionamento extraconjugal. O conflito, entretanto, surge quando ele não reconhece o corpo da mulher nos destroços do hotel, afastando-se, assim, de qualquer "desvio" da ideologia cristã. A contradição religiosa do personagem se repete, ainda, quando, após ter autorizado a tortura no prisioneiro, o Tenente, se sentindo culpado, busca o perdão divino pelo intermédio de um padre. Ao receber a negativa, o Tenente se rebela e, em uma atitude ateísta, revela não precisar da absolvição religiosa, mostrando, mais uma vez, a incompatibilidade de posicionamentos ideológicos.

Outro episódio de oposição de ideologias é quando o Tenente, ao tentar justificar a intervenção do país norte-americano no Vietnã, não só revela a atitude partidária dos Estados Unidos, que tentam livrar o país do "terrível comunismo", quanto evidencia o controle do Estado sobre o cidadão comum, que age sem questionar as intenções por trás da política. Para Levy (2004), o histórico da guerra no Vietnã tem início com a busca pelo fim do colonialismo francês no país. Com a proximidade territorial, e o reconhecimento da independência do Vietnã pela China, e a proximidade política entre União Soviética e China naquela época, os Estados Unidos passam a agir militarmente no país vietnamita sob alegação de combater o comunismo lá instalado, e manter a "democracia". Tal discurso é repetido pelo Tenente, que age em nome da "liberdade" de outros cidadãos, mas não percebe que ele próprio também se encontra aprisionado pelo desejo voraz do capitalismo em encontrar novos mercados-consumidores e territórios para dominar.

Não somente a oposição das ideologias

capitalista e comunista tem destaque na obra, mas também o antagonismo entre direitos humanos e tortura. Ao autorizar a tortura no prisioneiro, o Tenente vai contra sua formação humanista, afinal, era psicólogo. O compromisso assumido pelo título acadêmico em preservar a vida humana cai por terra quando ele quebra o artigo quinto da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que diz que ninguém deverá ser submetido à tortura, ou a quaisquer outros tratamentos cruéis. Por outro lado, o Tenente desconsidera protocolos internacionais como a Convenção de Genebra, que proíbe o uso de tortura em prisioneiros de guerra. A justificativa da tortura, usada para tentar salvar outras vidas também é questionada: pode a vida de um cidadão valer menos do que a de outros? Nesse contexto, a tortura seria, então, legítima? A resposta para esse dilema é o ponto máximo do conflito vivido pelo protagonista, momento em que ele entra em colapso e experimenta o sentimento da culpa.

Já no final da trama, em um estado de histeria, o Tenente revê seus fantasmas e tenta matá-los. Com uma arma, dispara para todos os lados na tentativa de eliminar aqueles que mataram seu pai, o motivo de seu conflito ideológico inicial, mas é morto, tragicamente, por um soldado negro norte-americano.

O domínio ideológico sobre o Tenente, e o conflito causado pela oposição de ideologias é de tal maneira poderoso, que faz com que ele não perceba seu enclausuramento. O poder da ideologia, nesse aspecto, comprova a domesticação do subalterno, do cidadão comum, da criança mestiça, do marido falível, do homem prisioneiro do mundo contemporâneo. Sobre as algemas da ideologia, Eagleton (1997, p. 13) anuncia: "O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve portanto a mais difícil de todas as formas de liberação, o libertar-nos de nós mesmos."

O Tenente não consegue libertar-se do poder das ideologias, nem dele próprio. A ideologia, por conseguinte, cria um enclausuramento completo, seja pelo controle direto impingido, seja pela

dissimulação de sua aplicação, o que torna o Tenente o verdadeiro prisioneiro da obra de Erico Veríssimo.

Considerações finais

Este ensaio buscou ampliar a perspectiva do aprisionamento na obra *O Prisioneiro*, muitas vezes, ligado diretamente ao prisioneiro de guerra, e ampliá-la na perspectiva de que o protagonista, enquanto sujeito dominado por poderes, fatos e opiniões sob a forma de ideologias, assuma, na verdade, a condição de prisioneiro.

O protagonista da obra, o Tenente, é um ser essencialmente em conflito. Um homem mestiço, que renega sua ancestralidade, um psicólogo que decide participar de uma guerra que não era sua, um defensor do capitalismo, da liberdade, que era vítima do próprio sistema, um adúltero que desejava manter sua aparência de pai honrado de família, um militar de formação humanista que cede à pressão, e autoriza a tortura e a morte, um sujeito desorientado, aprisionado por posicionamentos ideológicos antagônicos, e que, embora defendidos com veemência, são rasos, rompem-se à menor pressão exterior.

À vista disso, as ideologias, na obra *O Prisioneiro*, para além de um conjunto de ideias e valores, se apresentam como a expressão de diferentes tipos de poderes sendo exercidos sobre o Tenente. A partir de Althusser (1980), identificamos que as instituições sociais configuram meios de expressão ideológica, que exercem poder e influência sobre o sujeito. Dessa forma, instituições como família, religião, e política, têm grande controle sobre o personagem, seja pela imposição de valores e pensamentos, seja pela sua atuação silenciosa, que faz com que o indivíduo tenha a falsa sensação de liberdade, de que ele possua as ideologias, e não o contrário, de que elas limitem e comandem suas ações, deixando-o cercado.

Portanto, a metáfora do aprisionamento existente na obra não se configura como uma prisão aos moldes tradicionais, mas sim por meio de amarras ideológicas, que fazem com que as ações do personagem sejam limitadas e comandadas sempre por um poder superior, mesmo que alheias a sua vontade. Assim, diante

dos quatro principais conflitos ideológicos vivenciados pelo Tenente na obra, em todos ele age contraditoriamente ao que é dele esperado: mesmo sendo negro e gostando do pai, sente nojo de sua etnia e fica feliz com a morte daquele; mesmo amando K., renega-a em nome da religião; mesmo percebendo a incoerência da guerra, defende-a em nome da "liberdade" do capitalismo; mesmo sendo um psicólogo, um humanista, um defensor da vida, autoriza a tortura e a morte. Assim, no momento que o Tenente entra em conflito com suas ideologias, e comporta-se inversamente ao que é esperado dele, ele acaba por adotar posicionamentos ideológicos extremistas, e que demonstram os conflitos pelos quais o sujeito passou nos anos 1960.

Assim sendo, Erico Veríssimo, em *O Prisioneiro*, desempenha o poder político do escritor ao narrar um episódio de marcante na década de 1960, que foi a Guerra do Vietnã. Ao representar um sujeito dominado e fragmentado por ideologias, ele ficcionaliza conflitos do homem comum ao dar destaque aos dilemas e injustiças que se apresentam, diariamente, aos prisioneiros da sociedade.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ASSIS, Maria Isabel Azevedo. *O Prisioneiro: uma leitura atualizada da obra de Erico Veríssimo*. REEL – *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011. p. 1-13. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3717/2943>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BERTHIER, Jean Jacques Dutra. *O Prisioneiro de Erico Veríssimo: uma obra além das ideologias*. 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Letras-Estudos Literários) Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo – RS. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/883/1/2008JeanJacquesDutraBerthier.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>. Acesso em: 01 mar. 2019.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: Uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 20. ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEVY, Debbie. *The Vietnam War: Chronicle of America's War*. Mineapolis: Lerner PublicationsCompany, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=BHplySbZYolC&printsec=frontcover&dq=vietnam+war&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjQnLa-20-HgAhXPGLkGHW_TCYUQ6AEIazAJ#v=onepage&q=vietnam%20war&f=false. Acesso em: 01 mar. 2019.

RICOEUR, Paul. Aula introdutória. In: RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p.15-34.

SHARPE, Tanya Telfair. The Identity Christian Movement: Ideology Of Domestic Terrorism. *Journal of Black Studies*, [S. l.], v. 30, n. 4, mar, 2000, p. 604-62. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236121639_The_identity_christian_movement_ideology_of_domestic_terrorism. Acesso em: 27 fev. 2019.

VERISSIMO, Erico. *O Prisioneiro*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1978.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. V.1

Endereço para correspondência

Diego Bonatti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221, sala 122

Agronomia, 91540-000

Porto Alegre, RS, Brasil